

O ESTUDO DO SUJEITO NO GÊNERO TIRINHA: UMA ABORDAGEM CONTEXTUALIZADA

Monique Sousa Feitoza Frota

Universidade Estadual da Paraíba – monique@outlook.com.br

Samara Fidelis de Medeiros

Universidade Estadual da Paraíba – samara_cats@hotmail.com

Dalva Lobão

Universidade Estadual da Paraíba – dalvalob@hotmail.com

Resumo: O ensino de língua portuguesa na escola ainda é baseado na memorização da gramática, no ato de classificação e em nomenclaturas, através de frases soltas que não representam a realidade comunicativa do sujeito. É fácil perceber, a partir disso, as razões para o desinteresse e as dificuldades que os alunos apresentam em relação ao estudo gramatical, visto que é trabalhada com eles a língua de maneira virtual, com situações de comunicação criadas e manipuladas em favor de implacáveis regras prescritas. Diante desse ensino de língua tradicional, descontextualizado e que ainda não leva em consideração a comunicação real dos alunos, sentimos a necessidade de refletir e repensar cada vez mais esse modo de fazer. Existem outras formas de trazer o ensino de gramática na escola, e uma delas é através do gênero textual, trabalhando a língua de maneira interativa e contextualizada, fugindo do método tradicional. Com a inserção dos gêneros textuais podemos realizar o trabalho com a gramática de modo que os alunos possam presenciar formas reais de comunicação, atribuindo sentido à sua escrita e leitura com o uso de textos que circulam em seu dia-a-dia. Por isso, esse artigo tem como objetivo trabalhar o gênero *tirinha* a fim de mostrar como o sujeito seria visto da maneira tradicional e como poderíamos analisá-lo de modo interativo e contextualizado, levando em consideração a funcionalidade desse gênero. Para isso, usamos como principais bases teóricas o texto *Termos da oração* de Maria Eugenia Duarte e *Aula de Português: encontro e interação* de Irandé Antunes. Realizamos nossa análise levando em consideração a maneira como geralmente se dá a conceituação e a classificação dos vários tipos de sujeito.

Palavras-Chave: tirinha; sujeito; conceituação; classificação.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa na escola, ainda hoje, tem sido realizado em torno de uma gramática descontextualizada que não leva em consideração o contexto de comunicação em que o aluno está inserido. Esse ensino de gramática ainda é baseado na memorização, no ato de classificação e em nomenclaturas, através de frases soltas que não representam a

realidade comunicativa do sujeito.

Segundo Antunes (2003), temos visto “uma gramática que não tem como apoio o uso da língua em textos reais, isto é, em manifestações textuais de comunicação funcional e que não chega, por isso, a ser o estudo dos usos comunicativos relevantes da língua”.

É fácil perceber, a partir disso, as razões para o desinteresse e as dificuldades que os alunos apresentam em relação ao estudo gramatical, visto que é trabalhada com eles a língua de maneira virtual, com situações de comunicação criadas e manipuladas em favor de implacáveis regras prescritas.

Mas existem outras formas de trazer o ensino de gramática na escola, e uma delas é através do gênero textual, trabalhando a língua de maneira interativa e contextualizada, fugindo do método tradicional. Com a inserção dos gêneros textuais podemos realizar o trabalho com a gramática de modo que os alunos possam presenciar formas reais de comunicação, atribuindo sentido à sua escrita e leitura com o uso de textos que circulam em seu dia-a-dia.

Assim, percebemos que muitas são as dificuldades vistas no ensino de gramática. Dentre essas dificuldades, destacamos nesse trabalho o ensino dos termos da oração, mais especificadamente o sujeito, pois geralmente a classificação, os conceitos e o uso desse termo acabam sendo confusos e cheios de contradições.

Por isso, nesse artigo, iremos trazer o gênero tirinha a fim de analisar como é visto o sujeito segundo a gramática tradicional e como podemos abordá-lo de maneira contextualizada, interativa, levando em conta as características do gênero em questão.

METODOLOGIA

Desenvolvemos nossa análise a partir da abordagem do sujeito no gênero tirinha, de maneira contextualizada, levando em consideração as características do gênero em questão. Nossos embasamentos teóricos principais, foram o texto *Termo da oração* de Maria Eugênia Duarte e *Aula de Português*, de Irané Antunes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. NOÇÃO DE SUJEITO TRAZIDA PELA GRAMÁTICA TRADICIONAL E O TRABALHO COM O GÊNERO

Sabemos que sem gramática não há língua, porém, para Antunes (2003), o que mais interessa no ensino da gramática tradicional é que se saiba nomear, “reconhecer” e “rotular” “as coisas da língua”. Quando na verdade o que deveria interessar, por exemplo, é que sentido determinada palavra provoca na nossa fala ou em textos escritos, como e quando usá-la dependendo do contexto de comunicação. Os referenciais Curriculares de língua portuguesa para o ensino médio do estado da Paraíba (BRASIL, 2008), sugerem o ensino de língua portuguesa através de gêneros: “A língua realiza-se por meio de textos, definidos como um todo significativo, independentemente de sua extensão, e concretizados por meio de formas sócio -historicamente estabilizadas, denominadas gêneros textuais”. Dessa maneira, as regras gramaticais só fazem sentido quando se sabe interpretar e produzir diversos gêneros textuais.

Sabendo que o gênero textual possui uma grande relevância comunicativa e é de circulação social, selecionamos para nossa análise o gênero tirinha, já que é bastante usado em livros didáticos e gramáticas tradicionais, como também entre os jovens, por ser um texto de uma leitura “mais rápida” e que geralmente traz um tom de humor. Outro motivo para a escolha desse gênero é o tom de criticidade e contextualização que ele possui, pois para compreendê-lo precisamos levar em consideração aspectos linguísticos, semânticos, não verbais, conhecimentos de mundo, etc..

Nos tópicos a seguir trabalharemos em tirinhas a maneira como é abordado o conceito e a classificação dos sujeitos, respectivamente, pela gramática tradicional e apontaremos algumas formas de trabalhar esse termo de maneira mais dinâmica e contextualizada.

2.1 Conceito

Um dos principais questionamentos que se faz em relação ao sujeito é em relação às formas tradicionais de se conceituar esse termo. Na tirinha de Eudson, a seguir, pode ser vista uma crítica ao modelo tradicional de conceituação do sujeito:



Nela podemos observar que uma das personagens, ao ser interrogada sobre o que é o sujeito, cita uma frase para exemplificar: “A campanha está tocando”. Segundo algumas conceituações tradicionais, o sujeito é aquele que pratica a ação e nessa tirinha, seguindo essa denominação, o sujeito seria a campanha. Ora como dizer que o sujeito é aquele que pratica a ação e classificar campanha como sujeito nessa oração, já que a campanha é o que sofre a ação? Vemos a partir disso que o modelo tradicional está preocupado apenas com classificações de frases padrão e descontextualizadas, assim como a personagem fala no segundo quadrinho o sujeito dessa oração seria alguém que tocou a campanha, se for levar em consideração o conceito citado.

Podemos perceber outra crítica no terceiro quadrinho, pois muitas vezes o que os alunos pensam não é levado em consideração, pois só a “gramática tradicional, a norma culta parecem estar corretas”. E os professores, na maioria das vezes, acabam ensinando e perpetuando essas regras inconsistentes que não dão conta da funcionalidade que a língua possui.

Retiramos outro conceito de sujeito de uma gramática tradicional de Sarmiento (2005) que fala que o sujeito “é o ser de quem se declara alguma coisa”, porém dizer isso é contraditório e confuso, pois esta definição não compreende toda noção de sujeito. Perini (1985), no texto de Vieira e Brandão (2016) critica a “inconsistência” desta definição. Na tirinha abaixo, por exemplo, no primeiro quadrinho, existe a seguinte frase: “Os Bergsons nos convidaram para uma festa”. Existe uma declaração sobre o sujeito “Os Bergsons”, porém não é a única coisa a ser declarada nesta frase. Existe uma declaração sobre um convite de festa. Contudo, a gramática não leva em conta essa ideia. É importante questionar, pois se o sujeito é o ser a quem se declara algo, teremos problema para saber qual é o sujeito da oração.



2.2 Tipos de Sujeito

Outro questionamento que se faz é em relação à classificação dos sujeitos e a forma como ela realmente se dá. Na tirinha a seguir, por exemplo, está nítida essa incoerência da gramática. A frase: “Não há vagas”, é considerada oração sem sujeito de acordo com a gramática tradicional. Porém, se pensarmos no contexto há sujeito porque está sendo declarado algo sobre vagas, ou seja, que não existe mais vagas de emprego para este homem.



JEAN. Folha de S. Paulo, 07 jun. 2003.

Outra contradição que podemos analisar de acordo com essa tira é que segundo as gramáticas tradicionais, o sujeito é tido como um dos termos essenciais da oração. Porém, se são essenciais não deveria ser possível a existência de orações em que o sujeito não aparece. Segundo Vieira e Brandão (2016), isso leva os alunos a pensarem que os termos “essenciais” são mais importantes que os “acessórios” e “integrantes”.

Percebemos ainda outra incongruência da gramática tradicional a partir desta tirinha de Jean. No enunciado “encontrei uma vaga”, a gramática tradicional o classifica como sujeito oculto, pelo fato de possuir o sujeito “eu” oculto, quando analisamos a situação e o contexto da tirinha, podemos perceber quem é o sujeito, no caso o “eu”, um homem de paletó e gravata procurando emprego. Porém essa classificação não é aceitável para a gramática tradicional por que ela não considera o contexto. É um exemplo que a contraria, na medida em que deixa essas lacunas. Quando apelamos para essa discursividade percebemos que podemos dar aos nossos alunos mais possibilidades de interpretação.

É por essas e outras situações que podemos dizer que a gramática normativa é incongruente e imutável. Pois não considera o uso e o contexto. O que se pode observar do ensino dessa gramática tradicional é que a regra acaba sendo o mais importante e o estudo dela passa a ser baseado em frases prontas e soltas, que não se adequam ao contexto social dos alunos e nem os auxiliam na comunicação. Isso acaba os levando

a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer (ANTUNES, 1937, P.26).

Da mesma forma, no segundo quadrinho da tirinha abaixo podemos observar outra lacuna deixada pela gramática quando trata de sujeito:



De acordo com a gramática tradicional o sujeito da frase “bateram em mim o tempo todo” é indeterminado, pois possui o verbo na 3º pessoa do plural e sem determinação do sujeito. Pensando no contexto desta tirinha, percebemos o quanto a gramática normativa é incoerente e repleta de lacunas. Para Azeredo (2007), temos que pensar no verbo como eixo articulador das orações e refletir sobre o papel semântico que ele possui nos enunciados. Vendo desta forma, podemos dizer que sujeito desta frase está determinado no primeiro quadrinho, que é “as ondas”, isso possível por que entendemos através da situação comunicativa da tirinha que o verbo “bateram” está concordando diretamente com o sujeito “as ondas” e ao mesmo tempo nos mostra que isso se dá através da compreensão do diálogo entre Mafalda e Manolito.

Essas incongruências e confusões causadas pelas gramáticas tradicionais nos faz pensar diversas vezes, como poderemos ensiná-la a nossos alunos, sendo ela tão contraditória. Visto, que o problema de definição e caracterização de sujeitos está nas gramáticas e livros didáticos mais atuais e em circulação recente nas escolas. Pensamos que, como educadoras, não podemos resolver este problema, que envolve diversos campos da educação, mas sim, para ensinar sujeito, por exemplo, devemos partir de um contexto comunicativo e usar gêneros textuais para ensinar tal conteúdo. Partir de uma dada situação que envolva comunicação e interpretação dos alunos é uma saída e uma maneira de atenuar o problema. É preponderante partir disso para dar sentido a essas palavras soltas e vazias que as gramáticas trazem e deixar de lado “a prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para “exercitar”) [...]” (ANTUNES, 2003, p. 26).

É preciso assim trazer gêneros textuais e criar um contexto comunicativo, levando em consideração a realidade social dos alunos, observando o funcionamento e a importância que o sujeito pode atribuir a um texto. Não adianta muito saber que uma palavra é sujeito de determinada frase, o que importa é saber qual a intenção comunicativa de quem escreveu ou falou. Ao contrário disto, a escola *perde* muito tempo com questões de mera nomenclatura e de classificação, enquanto o estudo das regras da língua em textos fica sem vez, fica sem tempo (ANTUNES, 2003, p. 88).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada sobre a maneira como geralmente costuma ser abordado o sujeito em gramáticas tradicionais, notamos o quanto esse modelo não dá conta da expressividade e das várias modalidades em que se dá a língua em uso. É necessário, cada vez mais, que o ensino de gramática nas escolas parta de possibilidades reais de comunicação.

Notamos também o quanto é significativo o uso do gênero textual para o estudo de língua. No caso da tirinha, o trabalho com o sujeito a partir dela proporcionou que o texto fosse muito mais além das regras gramaticais, nos levando a compreender que é necessária a junção de diversos conhecimentos para compreender um texto, e que só o uso da gramática desenvolve apenas um processo de decodificação.

É preciso que o profissional de língua busque cada vez mais maneiras de desmistificar o conto da gramática como sendo a única detentora do conhecimento, buscando novas formas de fazer com que os alunos compreendam e atribuam sentido à sua compreensão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: vol 1, 2006.

PARAÍBA. **Referenciais curriculares para o ensino médio da Paraíba: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. João Pessoa: 2006.

SARMENTO, Leila Lauer. **Gramática em textos**. 2. Ed. Ver. São Paulo: moderna, 2005.

VIEIRA, Silva Rodrigues e Brandão, Silvia Figueiredo (org.). **Ensino de Gramática: descrição e uso**. – 2 ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.